

ESCREVO NO MAR

Livro 115

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



MEMÓRIAS SOBREVIVENTES

Esqueci tudo o que não me foi permitido lembrar. Vez por outra minha memória desobedece e invade alguma fresta, algum vão. Parecendo um desfile de espantadas constatações que jamais seriam possíveis de se imaginar que alguém pudesse havê-las vivido, era como parir utopias. Nelas recebi beijos de tios desaparecidos, de outros distantes que já não conseguem ter nome legível, e outros que balbuciavam coisas sem sentido. Eu apareço usando suspensórios que usaria o resto da vida. Amigos, lado a lado, sem se olharem, se comportavam como estranhos. Um desfile de lembranças impecáveis desafia a morte naquela reunião de memórias sobreviventes.



TESTEMUNHAR

Ficar perto de pessoas mal humoradas pode contagiar, testemunhar maldades pode nos fazer acostumar a elas.

PROMESSAS DE ETERNIDADE

A memória cumpre as promessas de eternidade dos nossos ancestrais. Sabemos nós que lhes sucedemos, é que os seus sonhos precederam as nossas existências.



ESCREVO NO MAR

Escrevo no mar o que as ondas transportam, escrevo na consciência o sonho do aprendiz que entrega, jura e assina. Sou vento que sopra sozinho, sou primavera quando chego e inverno quando parto, sou vizinho, sombra e esperança. Contemplo os jardins, os campos, invejo as plantas que estendem à próxima o que lhes sobra, aprendizes de humanos de antigamente, que antes de competir entre si preservaram o esforço conjunto. O tempo de ouro, o tempo dos outros.

NÓS TAMBÉM

Nós também, como descendentes
Ainda que longe da terra, depositamos nossos afetos
Onde descansam nossos antepassados,
Nas aldeias onde sem muros
Os vizinhos depositavam suas amizades.



SENTIMENTOS ATEMPORAIS

Congela a cena, mas deixa que nossos sentimentos atemporais lhes devolvam a vida. Hoje, íntimo dos cedros, eles me tocaram na raiz, eles me transportaram nos tempos, eles cheiram a comida dos meus ancestrais, eles me convocaram a falar das suas incríveis histórias, eles repartiram o fogo, eles inventaram a união e a reunião, eles replantaram as figueiras e as parreiras, eles nos indicaram as rotas da benevolência e da partição. É isso, havia uma fonte infundável de criação e conhecimento, sendo meus olhos que indicam o caminho, e meus ouvidos sendo relacionados à uma determinada vocação, não ouço opiniões, só

conhecimentos. Se faltar conteúdo ao ensinado a atitude do descredito incluirá a falta de confiabilidade. A desconfiança desprestigia e desperdiça o tempo e a vida.



RIO JORDÃO

A nascente do Jordão, no alto Líbano nevado, e sua embocadura, no abissal mar Morto, alimentavam a ideia de sua orientação providencial.



ILHAS

Habitam-me ilhas de solidão, ilhas de iras, ilhas de lentidão, ilhas de urgências, ilhas de paixão, simultâneas ou fraccionadas, cada uma com seu ritmo próprio, derramando ambiguidades entre presenças e ausências marcando meu cotidiano com suas facetas. Ilhas de encontros e despedidas, ilhas de angústias e de calmarias.

ESPERO QUE O MEDO ACABE

Espero que o medo acabe, que já não precise mais partir, que a ferida cicatrize e que a dor se cale, que se anime o coração e que a brasa reascenda, que o verniz renove, que o selo transporte e cheguem as cartas remetidas, que o limbo e o purgatório compensem o adiamento e a espera.



AS ONDAS

As ondas arremessavam tristezas, os remos afastavam as alegrias deixadas nos portos cheios de despedidas, as lembranças saíam ao encontro dos lenços, dos acenos, das lágrimas embriagadas de sal. Ruídos vindos de não sei onde salpicavam o convés, a madeira chorando retorcida de tanta dor soletrava a origem da saudade gritando como animais despovoados de garantias. Extraídas nos porões dos navios as raízes conversavam com o que pensavam ser o vento esperando respostas que nunca receberam.

EMOÇÕES ARQUEOLÓGICAS

Emoções arqueológicas saltavam do pilão relacionando domínio da conjunção da carne e do grão. Preservado o enigma naquelas receitas fascina costurando sabores e memórias participando do banquete assinado atravessando milênios carregando histórias espiando a felicidade promovida.



PELO MEU CORPO

Toda vez que a memória circula pelo meu corpo desobedecendo os tempos e misturando idades e fases, uma atenção se fascina com as cenas reproduzidas. Os trilhos devolvidos ao seu berço, as tormentas respeitando as estações, a vida então não era errante nem transformava imagens em ficções. Sabia para onde ir, a realidade era uma nítida apresentação sem tantas surpresas.

DEMASIADO TARDE

Toda vez que o tempo chega demasiado tarde corre o risco de perder sua validade, entre a surpresa do inesperado golpe no calendário e a impressão que está desacelerando para acertar as contas com o tempo perdido e o que ainda está por vir.



SER LIBANES

Falo do Líbano como se lá houvesse nascido, convivido com meus ancestrais, a sabedoria encravada nos séculos vive intacta, punjante e convidativa, confundida com nossos rastros, unidas soletrando um alfabeto que povoa nossas raízes, a aldeia, e como memória extraída no tempo reinventa-se presente.

TOTEM OU CHAMA

O que parecia abstrato adornava a vida dos novos que a carregam como totem ou como chama, levados por nós libaneses de várias gerações. Nasceram conosco e velam por todos nós, cravam na casa os afetos que são preparados para alimentar o futuro. Eles carregam uma intimidade familiar, uma companhia silenciosa que oferece solene uma soma sem fim de conhecimentos dispostos para habituar-nos sem deixa-las na casa do esquecimento. Guardadas na alma sobreviverão à carne condenada a desaparecer.



A DESPEDIDA

A derradeira despedida conserva a memória nos olhos com lágrimas, os braços desistentes de abraçar, amparos afastados onde coubesse a dor de uma despedida, recusa de uma mentira que acalmasse a certeza de haverem perdido algo insubstituível. A passagem comprava aproximações, não reconstruía o mundo desabado. Apegados à memória ouviram o estalar das ondas, o lamento dos ventos, preparando-se para negociar com o futuro.

RAMOS DO CEDRO

Por entre os ramos do Cedro, olhavam o passado falando de afetos, curiosas lembranças que os levam por terras distantes, as pré histórias que repetem nos ruídos do pilão, remotos transportes que chegam até a casa eterna onde o regime ancestral encontrava abrigo. Estas casas carregam entre o coração e o ombro, entre o olhar e o tempo as vestes do passado como espaço e um sonho onde será haverá um caminho pronto para voltar lá na aldeia estar.



ÓRFÃO

Todo exilado é órfão em intimidades familiares, carregam a saudade à deriva, buscam morada para a solidão irreversível sem dar sinais onde começa e onde termina desde que a distância apagou. Fechadas, caladas e mentidas, deslocadas da realidade pareciam nunca haverem existido.

NO CAIS

Hospedados no esquecimento, guardadas na língua materna sobem aos olhos entre uma e outra noite um desmentido sentimento revelando com imensa dor a mentira de que nada ficou por lá, no caís, no adeus.



A LINHA DO PRESENTE

Uma saudade tenta cruzar a linha do presente tentando chegar a tempo de seguir existindo. Penetra os corpos feitos continentes esvaziados, inventa paisagens, diálogos, receitas, comemorações até a exaustão, chega e parte sem avisar. Quando aflitos no enfrentamento da realidade, o tempo dos exilados tarda, resulta difícil passar. As demoras nas conquistas atrasam reatar seu caminho, dando lugar às recordações que tentam preencher os vazios das esperas, é quando se alcança a ter consciência de tempo, dos efeitos que as perdas fazem nas vidas exigindo reformas nas almas que se distribuem em tecer adversidades, os compassos desobedientes do coração sofrendo, dos olhos que não aceitam a eliminação da paisagem, o sabor dos frutos, a expectativa de cada encontro onde festejavam a vida.

MOMENTOS ÚNICOS

A memória insiste em reproduzir momentos únicos, romances de referência, à missão secular de saber-se amado e querido. Insistentes na tarefa da ilusão idílica, inadvertidos, os humanos pensam que a vida corrigirá esta utópica espera. Nenhum caminho regressa, somente a aventureira memória aproxima o ser humano do já vivido por um sistema e uma conexão ímpar; através dos nobres cinco sentidos.



CARGAS AFETIVAS

O acúmulo do tempo retardado reorganiza os conteúdos de forma a que o sentimento se desprenda para formar novos pares onde reconhecidamente se substitui o objeto amado usando o arsenal dos antigos amores. Deslocar estas cargas afetivas exige um certo pesar, uma falta valorizada, enobrecida por uma novidade carregada de impressões que refundam afetos mobilizados, importados, ressignificados em pessoas, objetos, paisagens e pátrias.

ANTEPASSADOS

Dos meus antepassados sigo o compromisso de manter as pedras vivas, os remos úmidos, as areias transitórias e o vento transportador.



ETERNO RENASCER

Renasço nas escrituras supondo novas, construo enredos. Alinhavo e ordeno palavras oscilando entre o protagonista e o autor, defino sentires ali postos como se fossem meus, entro na pele alheia, visto suas dores sem disfarce, imagino seus impossíveis, gozo seus amores, sou seu passado e seu futuro, carrego seus exílios, suas migrações, os fardos, as fomes, as sedes e infinitas saudades nunca acabadas.

Roberto Curi Hallal

